

## Discussões italianas sobre o restauro da arquitetura moderna: o caso de Weissenhof de Stuttgart

BIERRENBACH, Ana Carolina. Discussões italianas sobre o restauro da arquitetura moderna: o caso de Weissenhof de Stuttgart. Revista Docomomo Brasil, Rio de Janeiro, n. 2, p. 59-69, dez. 2018

data de submissão: 10/10/2017

data de aceite: 09/07/2018

*Italian discussions about the restoration of modern architecture: the case of the Weissenhof in Stuttgart*

*Discusiones italianas sobre el restauro de la arquitectura moderna: el caso de Weissenhof de Stuttgart*

**Ana Carolina BIERRENBACH**

Doutora (ETSAB-UPC – 2006); Professora Associada (FAU-FBA) e Professora Permanente (PPGAU-UFBA); linabiba@yahoo.com

### Resumo

O artigo apresenta algumas discussões teóricas realizadas no final do século XX sobre o restauro da arquitetura moderna na Itália. Toma-se como exemplo os posicionamentos de determinados teóricos italianos quanto a um tema específico: o restauro do Weissenhof de Stuttgart, realizado durante os anos 1980. Para tanto, faz-se necessário inicialmente assinalar a postura teórica que orienta o restauro do conjunto arquitetônico, que é comentada por Paolo Marconi, Marco Dezzi Bardeschi e Giovanni Carbonara, os principais autores tratados neste texto.

**Palavras-chave:** teorias do restauro; arquitetura moderna; restauro Weissenhof.

### Abstract

*This paper presents certain theoretical discussions from the end of the 20th century regarding the restoration of modern architecture in Italy, taking as an example the positions of certain Italian theorists in relation to a specific theme: the restoration of the Weissenhof in Stuttgart during the 1980s. To this end, we initially outline the theoretical positions that guided the restoration in question, which is referenced by Paolo Marconi, Marco Dezzi Bardeschi and Giovanni Carbonara, the main authors discussed in this text.*

**Keywords:** theories of restoration; modern architecture; Weissenhof Restoration.

### Resumen

*Este artículo presenta algunas discusiones teóricas realizadas en el final del siglo XX sobre el restauro de la arquitectura moderna en Italia. Se toma como ejemplo los planteamientos de algunos teóricos italianos en relación a un tema específico: el restauro del Weissenhof de Stuttgart, hecho durante los años 1980. Para tanto, se hace necesario inicialmente señalar la actitud teórica que orienta el restauro del conjunto arquitectónico, comentada por Paolo Marconi, Marco Dezzi Bardeschi y Giovanni Carbonara, los principales autores mencionados en este texto.*

**Palabras-clave:** teorías del restauro; arquitectura moderna; restauro Weissenhof.

## Introdução

O artigo apresenta algumas discussões sobre o restauro da arquitetura moderna na Itália, tomando como exemplo os posicionamentos de determinados teóricos italianos quanto a um tema específico: o restauro do Weissenhof de Stuttgart, realizado durante os anos 1980. Para tanto, faz-se necessário inicialmente assinalar a postura teórica que orienta o restauro em questão, que é referenciada por Paolo Marconi, Marco Dezzi Bardeschi e Giovanni Carbonara, os principais autores tratados neste texto.<sup>1</sup>

O Weissenhof é uma exposição com caráter de manifesto realizada em Stuttgart em 1927, com a pretensão de difundir a arquitetura e urbanismo modernos e aprimorar as suas relações com a produção industrial. Mies van der Rohe é o autor do plano urbano, que reúne uma série de arquitetos responsáveis pelos edifícios do complexo, trazendo experimentos com materiais e técnicas construtivas, visando a fabricação em série.

A urbanização passa por uma série de transformações no decorrer da sua existência. Em 1938 é adquirida pelo Reich alemão, que pretende transformá-la em um complexo militar, com a demolição dos edifícios. Isso não acontece em decorrência do começo da II Guerra Mundial. Nos anos posteriores ao conflito ocorre a demolição, depredação e alteração interna e externa de vários edifícios. Os usuários modificam aberturas, inserem toldos para proteção solar, pergolados, floreiras etc.<sup>2</sup> Acontece também, por exemplo, a construção de um telhado inclinado no edifício de Behrens e a ampliação da Casa dupla de Le Corbusier e P. Jeanneret.<sup>3</sup> Em 1977 o governo alemão assinala a intenção de vendê-lo, causando muitos protestos. Nesta época é criada a Associação Amigos de Weissenhof. Entre 1981-1987 a Agência de Construções Estatal de Stuttgart realiza uma série de intervenções no conjunto.<sup>4</sup> Entre os restauros realizados nesta época estão as casas de Le Corbusier, Behrens, Oud, Scharoun, Stam e Mies van der Rohe.<sup>5</sup> Em 1987 foi completado o primeiro restauro geral do complexo, foco do presente texto.<sup>6</sup>

## O restauro conceitual do Weissenhof

Existem teóricos que sustentam que a arquitetura moderna apresenta características específicas que permitem a restauração dos seus conceitos primordiais.<sup>7</sup> Essa é a principal corrente teórica que orienta os restauros realizados em Weissenhof durante os anos 1980.<sup>8</sup>

A possibilidade de restaurar os conceitos pauta-se na discussão sobre a **autenticidade**. Para esses teóricos, a autenticidade encontra-se principalmente nos conceitos, nas ideias primordiais dos arquitetos e dos seus projetos, e são essas que têm que ser retomadas. Assim sendo, em Weissenhof, procura-se,

fundamentalmente, retomar e expor os conceitos norteadores da Arquitetura do Movimento Moderno, difundidos nesta exposição que possui um caráter de manifesto.

Para que se restaurem os conceitos é importante rastreá-los diretamente nas suas fontes primárias, que é onde se concentram as ideias do autor. Assim, para esses autores, a autenticidade do Weissenhof pode ser encontrada principalmente nos seus **projetos originais**. Neste sentido, considera-se que os desenhos são portadores de informações precisas sobre tais projetos, e podem ser retomados para orientar o restauro.

Assim, a partir da referência a tais documentos autênticos, afirma-se a plena validade da realização de **cópias** de peças, partes ou de edifícios completos, sem que isso possa ser considerado como um falso histórico.

Essa questão relaciona-se com a aplicação da **produção industrial e da seriação**. A concepção da arquitetura moderna relaciona-se com a utilização de peças e partes seriadas, muitas vezes realizadas com poucos recursos, com caráter experimental, com a intenção de serem transitórias. Sendo assim, os teóricos consideram-se autorizados a não reparar elementos obsoletos, mas sim a substituí-los. Entendem que podem trocá-los por outros similares que ainda sejam reproduzidos, retomar a produção de elementos com a superação dos seus defeitos preliminares, ou, caso essas soluções não sejam mais possíveis, substituí-los por outros. Com isso, acreditam que podem melhorar a funcionalidade dos edifícios com a correção de erros. É o que acontece na maior parte das intervenções de Weissenhof, uma vez que se autoriza a adequação dos espaços internos, com sua atualização para os padrões de conforto atuais.<sup>9</sup> Essa situação não afetaria a autenticidade dos edifícios, uma vez que essa permaneceria no conceito e não na matéria.

Há outro aspecto que se relaciona com o conceito de **abstração**, característico da arquitetura moderna. Adotam-se muitas vezes volumes puros, formas compactas, superfícies perfeitas e cores homogêneas que, ao contrário da função, das técnicas e dos materiais, têm que perdurar no decorrer do tempo. Assim, consideram essencial que a integridade da **imagem** se transmita, com a eliminação de intervenções extemporâneas.<sup>10</sup> Afirmam que a arquitetura moderna é uma obra artística concluída, que não deve ser alterada, mas pode ser reconstituída. No caso de Weissenhof, essa reconstituição se dá prioritariamente através das imagens externas.<sup>11</sup>

A consolidação das imagens relaciona-se com a difusão da arquitetura moderna. Através de livros e revistas, divulgam-se imagens perfeitas, que ten-

dem a se consolidar como “reais”. A utilização das **fotografias** é fundamental para a propagação de imagens de edifícios modernos recém-construídos, com escassa presença dos usuários e das suas ações transformadoras, sem as deteriorações naturais causadas pelo tempo. Tais fotografias são tidas como autênticos documentos que podem contribuir para a repriminção da imagem em um tempo zero.

Uma vez que se entende que o projeto original, portador das dimensões mais essenciais e perfeitas da imagem, tem que ser predominante, considera-se que qualquer parte ou peça considerada destoante possa ser eliminada e que os acréscimos têm que acompanhar as características das imagens originais, sem aportes diferenciadores que indiquem as suas atualidades. As **novas criações**, assim, não devem ter direito a uma expressão própria e atual. Em Weissenhof, essa situação é detectada principalmente nos exteriores das casas, já que os interiores podem ser modificados, assumindo feições mais contemporâneas.

Para esses teóricos, é necessário **valorar** preliminarmente os edifícios, assinalando seus significados artísticos, históricos, sociais e também econômicos. Quanto maiores os valores detectados no edifício, deve-se dar maior atenção à restauração dos seus conceitos fundamentais.

No que diz respeito ao **valor de uso**, esses autores demonstram limitações para aceitar as mudanças anteriormente realizadas pelos usuários para adaptar os edifícios às suas necessidades, especialmente nos casos dos edifícios mais icônicos. Entretanto, como já foi assinalado, ponderam que, uma vez que o conceito de funcionalidade é fundamental, torna-se necessário que os edifícios continuem satisfazendo às necessidades atuais dos usuários. Embora o **reuso** com adequação funcional seja considerado importante, também se entende que a forma primordial não possa ser afetada, e muito menos que os edifícios icônicos possam alcançar o estado de ruína.

A **reconstrução** de edifícios é considerada plenamente realizável. Tem-se em mente principalmente aquelas arquiteturas que têm um caráter de manifesto, como acontece com a experiência de Weissenhof como um todo. O fato de se tratarem de modelos, que têm inicialmente como meta serem produzidos em série, que poderiam ser montados, desmontados, remontados e até mesmo deslocados, induz esses autores a entender que tais reconstruções são pertinentes, assumindo uma função didática e turística.

Embora a **conservação** da matéria possa ser observada em algumas das intervenções realizadas em Weissenhof, não é tida como fundamental, porque é considerada contrária conceito original de provisoriabilidade do Movimento Moderno.<sup>12</sup>





Figuras 1 e 2 | Casas de Peter Behrens e Mies van der Rohe.  
Fonte – Betânia Brendle, 2014



Figuras 3 e 4 | Casa Dupla de Le Corbusier e Casa de P. Oud  
Fonte – Betânia Brendle, 2014



Figuras 5 e 6 | Casas Hans Scharoun e M. Stam  
Fonte – Betânia Brendle, 2014

### Restauro dos significados

No entender de Paolo Marconi (1933-2013), não existe nenhuma diferença entre o restauro da arquitetura antiga e o da arquitetura moderna.<sup>12</sup>

Marconi discute a noção de **autenticidade**: considera que pode ter sentido para obras de arte, mas não para a arquitetura. Para ele, a autenticidade é um “mito terrorista” que paralisa a atuação do restaurador, impossibilitando-o de identificar as prin-

principais características semânticas dos edifícios para poder recuperá-las.

O teórico não está interessado em determinar quais os conceitos que orientam a produção dos edifícios. Considera que suas características principais possam ser encontradas em qualquer uma das suas fases de existência, contanto que sejam significativas. Mesmo assim, pondera que quando os **projetos originais** ainda existem, como acontece com frequência no caso do Weissenhof, podem oferecer uma base sólida para o restauro, a partir de uma apurada pesquisa filológica. Nesse sentido, Marconi considera que os **desenhos** originais são uma fonte que possibilita a fiel recuperação das características do projeto.

Se a autenticidade não faz sentido, as **cópias** fazem. Afirma que a substituição de peças e partes de edifícios é plenamente plausível. Ele as denomina de duplicatas, afirmando que a sua intenção não é apenas reproduzir imagens, mas também os desenhos, os materiais, as técnicas e as condições de fabricação de tais elementos. Marconi não se refere com muita atenção às cópias realizadas em Weissenhof. Mas pode-se inferir que as questionaria por se pautarem mais na reprodução das imagens do que nas suas demais características.

O teórico pondera que a produção arquitetônica moderna possui um caráter industrial e seriado que parte da noção de repetição, permitindo o distanciamento do entendimento de que existem edifícios – com suas partes e peças – que possam ser considerados raros e únicos. Isso autoriza ainda mais as suas substituições por outros similares, reafirmando a importância das cópias.

Quando existe uma avaliação de que as **características abstratas** de um edifício, com suas formas e superfícies puras e com seus espaços articulados, são aquelas que representam a fase mais significativa da sua trajetória, deve-se restabelecer a unidade semântica, que comporta a recuperação da sua imagem característica.

Para o autor, a **fotografia** tem que ser usada com parcimônia. É um dos documentos que existe, mas não é o único nem o prioritário. Pergunta-se qual fotografia utilizar, aquela do estado atual ou a do edifício em algum momento do seu passado.

Marconi opina que sempre se dá uma seleção arbitrária dos elementos a inserir e a extrair em um restauro. É possível tanto tirar os “elementos espúrios” quanto reintroduzir elementos expressivos através de duplicatas. Para o autor, no caso de necessidade de inserção de novos elementos, esses têm que seguir desenhos, materiais e procedimentos tradicionais de tal modo que passem inadvertidos nos edifícios, não rompendo com a unidade linguística. Assim, considera os edifícios como obras artísticas unitárias que não toleram **criações inovadoras**, nem mesmo aquelas que tenham traços pouco contrastantes.

Para que aconteça a seleção e se determinem as ações adequadas a serem realizadas nos edifícios, é necessária a **avaliação** preliminar dos seus **aspectos históricos e artísticos**. Para Marconi, ambos são importantes, e um restauro só acontece quando se detecta que a arquitetura é “bela, bem construída e historicamente significativa” (MARCONI, 2008, p.152).

Para o autor, o **valor de uso** é limitado. Considera que as transformações realizadas pelos usuários nos edifícios podem ser toleradas desde que não afetem as características que conferem seu significado arquitetônico. Mas pondera que é necessário manter os edifícios ocupados com usos preferencialmente compatíveis com aqueles originais, desde que se preserve o significado.

Assim, para o autor, no caso da destruição de edifícios cult, como acontece em Weissenhof, admite-se a **reconstrução** nos seus mínimos detalhes, “como era e onde era”. Mas considera que essa deva se pautar em documentos que permitam as suas substituições filológicas.

O **restauro** dos edifícios modernos deve, portanto, restituir as suas estabilidades e durabilidades, mantendo ou restabelecendo suas mensagens, para garantir a transmissão da unidade do seu caráter semântico. Para o teórico, é possível restaurar o edifício “como era e onde era”. Mais do que conservar os conceitos, as imagens e até mesmo as matérias (embora também as leve em consideração), é necessário conservar os significados.

### Restauro das matérias

Teóricos como Marco Dezzi Bardeschi, Amedeo Bellini e Paolo Torsello também compreendem que não existe uma especificidade para o restauro da arquitetura moderna, mesmo que reconheçam certas peculiaridades suas.<sup>15</sup>

Colocam em discussão a noção de **autenticidade**. Compreendem que essa se centra no caráter único e original das matérias acumuladas no tempo. Para eles, a manutenção das matérias é o único modo para que as informações dos edifícios alcancem os usuários presentes e futuros, possibilitando fruições, interrogações e plenas interpretações dos edifícios.

Afirmam que a autenticidade de um edifício não pode ser definida a partir da eleição de um ponto na sua história que possua uma suposta maior importância em relação aos demais. Em Weissenhof, todos os momentos da sua história são considerados autênticos. Não acreditam que a autenticidade possa ser detectada nos **projetos originais**, por mais que existam muitos registros, como acontece em Weissenhof.



Para esses teóricos, caso a matéria não se mantenha autêntica, torna-se falsa. A cópia de edifícios (ou de partes suas) não traz as suas essências. E a falsificação mina a transmissão das suas características, conformando, na realidade, uma paródia do Moderno.<sup>16</sup> Para Dezzi, Weissenhof é um fantasma.<sup>17</sup> Afirma que a casa unifamiliar de Le Corbusier é reproduzida “como era”, tornando-se um simulacro,<sup>18</sup> e a casa de Scharoun “parece de papel machê”.<sup>19</sup>

A **reconstrução** é considerada uma cópia que se limita a reproduzir edifícios emblemáticos a partir do nada, sem interferir nos edifícios preexistentes, assumindo uma dimensão meramente didática. Trata-se de uma operação que não se relaciona com o restauro.

Com relação à **produção industrial e seriada** de peças e partes de edifícios modernos, afirma-se que aquelas que atualmente estão danificadas não devam ser substituídas por outras similares. Consideram que, mesmo que elementos que constituem os edifícios ainda continuem sendo reproduzidos industrialmente, não é possível utilizá-los para substituir os preliminarmente existentes, porque estes são documentos autênticos e aqueles não. Dezzi afirma que, exatamente pelo fato da arquitetura moderna usar materiais experimentais precários, com ciclos de deterioração acelerados, como ocorre em certos exemplos do Weissenhof, é necessário um maior cuidado para assegurar a sua conservação. Comenta que, em muitos casos, pelo fato de atualmente se dar aos usuários de Weissenhof autonomia para modificar os interiores das casas, acontecem muitas perdas de documentos, sendo que nem mesmo campainhas, interruptores, portas, janelas e maçanetas preexistentes são mantidos.<sup>20</sup>

Compreendem que a arquitetura moderna tenha um caráter abstrato. Aparentam que existe uma tendência que considera que a **imagem** arquitetônica tenha que perdurar perfeita e idealizada. Tal tendência é considerada contrária às próprias concepções da arquitetura moderna, que, segundo Dezzi, não demanda sua própria mitificação a objeto de culto.<sup>21</sup> Repudiam a possibilidade de que tal imagem possa ser retomada tal como existia na sua origem, recuperando uma unidade perdida. É isso que acontece no edifício de Behrens: na intervenção dos anos 1980 o teto inclinado existente é substituído por outro plano, “idêntico ao que deve ter sido”.<sup>22</sup> Para Dezzi, elimina-se assim um elemento que correspondia à expressão de uma incompreensão dos usuários quanto aos postulados do Movimento Moderno.<sup>23</sup> Também chama atenção para o edifício de Mies van der Rohe, que, por ter sido mantido em uso, está em bom estado no final dos anos 1980. O autor aponta que os usuários o entendem e respeitam, aportando personalizações. Mas durante o restauro essas são consideradas uma heresia e descartadas.<sup>24</sup>

Para esses teóricos é necessário aceitar que a imagem não seja mais a mesma. Chamam atenção para a propagação de imagens do Movimento Moderno, divulgando edifícios com características perfeitas, que dificultam a aceitação das suas transformações. Em Weissenhof, a alteração da imagem acontece com muita veemência durante a guerra, com a substituição dos edifícios modernos por “casas banais”.<sup>25</sup> Nesse sentido, os teóricos entendem que a arquitetura moderna tem que ser considerada como uma obra artística aberta, que não se deve constituir sua imagem original, mas sim dar espaço à sua cuidadosa atualização, com diferentes entendimentos sobre o que isso significa.

Para esses teóricos, as **fotografias** difundidas, insistentemente, pela historiografia da arquitetura moderna têm um efeito negativo. Os edifícios, como ocorre em Weissenhof, terminam se transformando em ícones que não existem no mundo real, mas sim ilusório. Induzem a reprodução de uma imagem invariante que não se deteriora com o tempo. Essa dimensão icônica é reforçada quando os arquitetos realizam peregrinações para visitar edifícios paradigmáticos, esperando encontrá-los iguais às fotografias. Essas podem ser consideradas documentos úteis para compreender como o edifício transita pelo tempo, mas não podem se transformar em uma diretiva definidora para o projeto de restauro.

Como as dimensões históricas das matérias e das técnicas que compõem os edifícios têm que ser preponderantes, afirmam, com diferentes ponderações e alcances, que peças e partes inseridas em todas as etapas de vida dos edifícios não devam ser eliminadas ou, caso isso tenha que acontecer, que seja de um modo pontual, preocupação que não acontece em Weissenhof.

Não consideram que as obras possuam uma dimensão histórica ou artística preestabelecida em um determinado momento e que se encontre finalizada. Isso os conduz a acreditar que as novas criações tenham direito a aparecer. Fazem uma crítica àquelas intervenções que pretendem parecer antigas, mesmo quando empregam materiais e técnicas tradicionais. Entretanto, existem nuances entre os posicionamentos dos autores. Dezzi, por exemplo, sustenta que é necessário conservar, mas também inserir novas criações. Isso também se aplica à arquitetura moderna, considerada como “um conceito aberto, de avanço perene”.<sup>26</sup>

Para esses teóricos, não importa se os autores dos projetos defendem ou não permanências, mudanças ou até mesmo a eliminação das suas obras. O que importa é que a consciência atual considera que essas obras têm que ser conservadas. Dezzi, Bellini e Torsello afirmam, com diferentes argumentações, que a determinação de **valores históricos e artísticos** é sempre parcial e induz a compreensões e atuações limitadas sobre os edifícios.

Sobre o **valor de uso**, ponderam que é necessário reter o máximo possível das mudanças realizadas pelos usuários para adequar os edifícios aos seus anseios e às suas necessidades, mesmo que isso suponha uma distorção das suas características artísticas iniciais. Com relação às demandas atuais, todos consideram que é importante a recuperação da funcionalidade, embora existam nuances nas opiniões dos autores. Dezzi afirma que é necessário prestar atenção no valor de uso, possibilitando a recuperação funcional, com o máximo de adequação e respeito às suas características historicamente sedimentadas. Fato que, para o autor, não acontece no restauro de Weissenhof, assinalando que, na maior parte das circunstâncias, não se procura conservar o existente, mas sim substituí-lo.<sup>27</sup>

Anzivino, por sua vez, afirma que os restauros pretendem eliminar os rastros dos usuários reais, que não se enquadraram nas características do homem estandardizado difundido pelo Weissenhof.<sup>28</sup> Dezzi opina no mesmo sentido, e afirma que o restauro acaba substituindo de modo sistemático tais usuários reais por outros.<sup>29</sup>

Para esses autores, a noção de **restauro**, inclusive o da arquitetura moderna, associa-se a uma compreensão errônea do seu escopo que precisa ser superada e redefinida. Consideram que é necessário que se extrapole o restauro dos conceitos, dos significados ou das imagens. Seus entendimentos possuem diferentes matizes, mas todos assinalam a necessidade de **conservar**, conter a decadência das matérias, controlar as transformações para minimizar a perda de testemunhos históricos. Esses devem manter suas potencialidades de transmitir informações e acionar interpretações e fruições. Em todo caso, posicionam-se fortemente contra a repriminção, tal como aquela realizada na maior parte dos edifícios de Weissenhof em 1987.

### Restauro das matérias e imagens

Giovanni Carbonara e outros teóricos indicam que os princípios do restauro da arquitetura antiga são os mesmos que orientam o da arquitetura moderna.<sup>30</sup>

A noção de **autenticidade** é fundamental e pode ser encontrada no caráter único das matérias originais, que também incorporam a imagem arquitetônica. Neste sentido, Carbonara afirma que a autenticidade das intervenções de Weissenhof pode ser questionada, uma vez que não se sabe o quanto das matérias originais de fato perdura e o quanto está alterada.<sup>31</sup>

Os teóricos articulados a esta tendência consideram que a autenticidade não está depositada nas ideias dos autores disponíveis nos projetos originais, mas sim nas principais características imagéticas e nas marcas depositadas nos edifícios no transcorrer do

tempo. Carbonara assinala que, em Weissenhof, a tentativa de retorno aos **projetos originais** é uma falácia, principalmente considerando-se todas as transformações realizadas durante o tempo decorrido, que contou com amplas destruições bélicas.<sup>32</sup>

Uma vez que se perca o original e se consolide a **cópia**, perde-se a autenticidade. Carbonara afirma que a cópia, por mais escrupulosa que seja, é uma mera interpretação. Entretanto, aponta que a cópia pode ter uma utilidade didática, desde que se destaque das preexistências, não interferindo nas suas consistências materiais. Mas, tem que se limitar a casos exemplares. Carbonara afirma que cópias podem acontecer em Weissenhof, criando-se museus, desde que se denunciem enquanto tais.<sup>33</sup>

Essa compreensão sobre as cópias tem consequências no modo de produção característico da modernização, que se dá a partir da **produção industrial, por vezes seriada**. Pondera-se que mesmo que peças e partes de edifícios tenham sido testadas e posteriormente descartadas não devem ser eliminadas, sob pena de perda de conteúdo autêntico, histórico e artístico das obras. No caso de Weissenhof, aponta-se que muitos dos materiais e técnicas experimentais que se mantêm até os anos 1980 são retirados, acarretando na destruição de documentos importantes.<sup>34</sup>

Para esses teóricos a arquitetura moderna possui características abstratas que constituem suas dimensões artísticas fundamentais. Essas precisam ser mantidas ou recuperadas. Assim, caso a unidade artística da obra tenha sido rompida, é importante que se procure reintegrá-la. Essa disposição, entretanto, encontra resistência na dimensão histórica que pode incorporar mudanças que afetem de modo negativo a **imagem** dos edifícios, levando à necessidade de uma valoração crítica. Carbonara questiona as intervenções realizadas em Weissenhof, que focam prioritariamente na recuperação de uma imagem reluzente, que praticamente exclui a historicidade.<sup>35</sup>

É necessário que se pondere sobre a possibilidade da manutenção ou da extração de peças e de partes dispostas no tempo. Quando for necessário sacrificar determinados elementos dos edifícios ou acrescentar outros, não se aceitam novas inserções a partir da imitação de formas, materiais e técnicas do passado. As **novas criações** precisam ser mínimas e discretas, mas também qualificadas e atuais. Têm como finalidade permitir a transmissão da matéria, que é o suporte da forma arquitetônica. Nesse sentido, avalia-se que os edifícios tenham uma unidade artística preliminar, que é necessário colaborar para a sua restituição e transmissão, mas sem dispensar a criação contemporânea.

Carbonara considera que faz mais sentido substituir as “caixas banais com telhados inclinados”, inseri-

das após a II Guerra mundial, por soluções mais sensíveis às sugestões do lugar do que criar cópias dos edifícios originais.<sup>36</sup>

Postula a necessidade de examinar e reconhecer **valores históricos, artísticos e culturais** para determinar, em cada caso, a necessidade das seleções dos edifícios e as ações a serem tomadas. O reconhecimento de tais valores deve ser realizado tanto para as arquiteturas produzidas em todos os tempos, sem distinções. Deste modo, a partir de uma eleição preliminar, considera-se que é possível a conservação prioritária da matéria e/ou da imagem que a ela se associa. Consideram que a intencionalidade não deva ser buscada nas ideias dos autores, mas sim nas próprias obras. Carbonara, entretanto, também reconhece que o juízo crítico é limitado, que pode se alterar com o tempo.

Quanto ao **valor de uso**, considera-se que as alterações funcionais inseridas no decorrer do tempo podem ou não ser mantidas, dependendo do quanto interferiram na compreensão dos valores históricos e artísticos detectados nos edifícios. Nota-se que a manutenção ou a adequação da funcionalidade e a inserção de novas instalações é por vezes necessária, mas deve se limitar a um mínimo, de tal modo a não interferir na compreensão das instâncias históricas e artísticas. No caso de Weissenhof, Carbonara refere-se às alterações funcionais realizadas nos interiores, apontando que em determinados casos acontecem manutenções e em outras atualizações, especialmente nas instalações de banheiros e cozinhas. Para ele, muitas dessas modificações interferem no entendimento das dimensões artísticas das obras, uma vez que se rompe com a unidade espacial entre interior e exterior característica da Arquitetura Moderna.<sup>37</sup>

O **reuso** é considerado importante para possibilitar a perpetuação dos edifícios, mas não é a finalidade do restauro, nem mesmo quando se trata de arquitetura moderna. Assim, questiona a maior parte das intervenções realizadas nos interiores de Weissenhof.

O **restauro**, incluído aquele da arquitetura moderna, é uma ação que se determina criticamente caso a caso, que pretende tutelar e transmitir para o futuro, do modo mais intacto possível, obras com reconhecido valor histórico, artístico e cultural. Assim, o restauro deve manter ou recuperar os valores autênticos detectados, ou aquele que se avalie mais relevante. Considera-se necessário que os edifícios restaurados mantenham ou adequem seus usos, com funções apropriadas às preexistências. A conservação é um ato preventivo necessário, mas a conservação absoluta não é considerada plausível, assim como não o é a repriminção, que acabou transformando Weissenhof em um "museu a céu aberto". (SALVO, 2016, p.50)

## Conclusões

A Itália tem uma ampla tradição teórica sobre o restauro que se estende até a atualidade. É possível verificar que, no que diz respeito ao restauro de um modo geral, ou no que concerne mais especificamente à arquitetura moderna, não existe um consenso quanto ao posicionamento dos diferentes teóricos. Tal desacordo é demonstrado plenamente nas críticas que formulam quanto ao restauro de Weissenhof. Considera-se que suas posturas merecem ser mais exploradas e difundidas para que se possa ampliar as discussões, ainda incipientes, sobre o restauro da arquitetura moderna, principalmente no que se refere ao Brasil.

## NOTAS

<sup>1</sup> A discussão teórica sobre o tema e referências mais detalhadas podem ser encontradas em BIERRENBACH, 2017.

<sup>2</sup> ANZIVINO, 1994, p.99

<sup>3</sup> GIMMA, 1993, p.137; MARKHAL 1984, s/p.

<sup>4</sup> BRENDLE, B; BRENDLE, K, 2010, p.5

<sup>5</sup> DEZZI BARDESCHI, 1993, p.137.

<sup>6</sup> Após 1987 são realizadas outras intervenções em Weissenhof. Ver: BRENDLE, B; BRENDLE K, 2010.

<sup>7</sup> Sobre o tema consultar: BELFIORE, 2012; BELLINI, 1994; BORIANI, 2003; BORSI, 1994; CANZIANI, 2003; CAPOMOLLA, 2003; CARUGHI, 2012; CASCIATO, 2007; CASCIATO, 2008; CASSANI, 2003; CIUCCI, 2012; CORNOLDI, 2007, DE JONGE, 1993; DELL'ERBA, 1999; LA REGINA, 2007; LOCATELLI, 2009; MORABITO, 1993; PORETTI, 2012; SALVO, 2007; SALVO, 2016; VITTORINI, 2013.

<sup>8</sup> Entre os teóricos que defendem esta tendência estão alguns dos representantes do DOCOMOMO-Internacional, como por exemplo Wessel de Jonge (1957). Segundo o atual presidente do DOCOMOMO-Itália, Hugo Carughi, o núcleo italiano tem uma afinidade teórica com a Instituição Internacional, por mais que existam várias posturas diferenciadas. CARUGHI, 2017.

<sup>9</sup> ANZIVINO, 1994, p.100; ARTIOLI, 1994, p.104; SALVO, 2016, p.46.

<sup>10</sup> ARTIOLI, 1994, p.104.

<sup>11</sup> ANZIVINO, 1994, p.100.

<sup>12</sup> Agradeço a Betânia Brendle pela concessão das imagens.

<sup>13</sup> Sobre o tema consultar: BARDELLI, 1999; CORNOLDI, 2007; GIMMA, 1993, p. 304; MARCONI, 1993; LOCATELLI, 2009; MARCONI, 1999; MARCONI, 2008; TORSILLO, 2005.

<sup>14</sup> GIMMA, 1993, p.300. MARCONI, 1999, p.62, p.134

<sup>15</sup> Sobre o tema consultar: ANZIVINO, 1994; AVETA, 2012; BELLINI, 1994; BELLINI, 1997; BELLINI, 2008; BORIANI, 2003; CASSANI, 2003; CANZIANI, 2003; CARRERA, 2008; DEZZI BARDESCHI, 1993; DEZZI BARDESCHI, 2008; DEZZI BARDESCHI, 2012; DEZZI BARDESCHI, 2015; GIOENI, 2004; LOCATELLI, 2009; MANGONI, 2012; SELLO, 2006; TORSELLO, 1997; TORSELLO, 2005; TORSELLO, 2006; TORSELLO, 2008.

<sup>16</sup> GIOENI, 2004, p. 147

<sup>17</sup> DEZZI BARDESCHI, 1993, p.140.

<sup>18</sup> DEZZI BARDESCHI, 1993, p.138.

<sup>19</sup> LOCATELLI, 2009, p.147.

<sup>20</sup> GIOENI, 2004, p.147; DEZZI BARDESCHI, 1993, p.140.

<sup>21</sup> DEZZI BARDESCHI, 2012, p. 95.

<sup>22</sup> DEZZI BARDESCHI, 1993, p.139.

<sup>23</sup> DEZZI BARDESCHI, 1993, p.136; GIOENI, 2004, p.146.

<sup>24</sup> DEZZI BARDESCHI, 1993, p.139

<sup>25</sup> DEZZI BARDESCHI, 1993, p.137.

<sup>26</sup> GIOENI, 2004, p.152.

<sup>27</sup> DEZZI BARDESCHI, 1993, p.138

<sup>28</sup> ANZIVINO, 1994, p.99.

<sup>29</sup> GIOENI, 2004, p.147.

<sup>30</sup> Sobre o tema consultar: CARBONARA, 1997; CARBONARA, 2006; CARBONARA 2008; CORNOLDI, 2007; SALVO, 2016; TORSELLO, 2005

<sup>31</sup> CARBONARA, 1997, p.582 e 584.

<sup>32</sup> CARBONARA, 1997, p.585.

<sup>33</sup> CARBONARA, 1997, p.585.

<sup>34</sup> CARBONARA, apud BORIANI, 1994, p. 91.

<sup>35</sup> CARBONARA, 1997, p.581.

<sup>36</sup> CARBONARA, 1997, p.586.

<sup>37</sup> CARBONARA, 1997, p.583.

## Referências bibliográficas

ANZIVINO, Ciro. Specificità del moderno e aporie della conservazione. In: GUARISCO, G. (org). A-letheia - L'architettura moderna, conoscenza, tutela, conservazione. n.4. Florença: Alinea, 1994. p. 97-100.

ARTIOLI, Alberto. Alcuni recenti restauri di opere dell'architetto Giuseppe Terragni (1904-1943) – La casa del Fascio e la Villa de Floricoltere a Como. In: GIMMA, Maria Giuseppina (org). Il restauro dell'architettura moderna. Viterbo: Editora BetaGamma, 1993. p.44-56.

ARTIOLI, Alberto. La Casa del Fascio di Como: necessità operative e scelte metodologiche di alcuni restauri. In: GUARISCO, G. (org). A-letheia - L'architettura moderna, conoscenza, tutela, conservazione. n.4. Florença: Alinea, 1994. p.104-105.

AVETA, Aldo. Architetture Moderne: Riflessione sui metodi e sui criteri del restauro. Confronti – il restauro del moderno. Nápoles, n.1, p.36-41, 2012. DOI: 10.4481/conf023

BARDELLI, Pier. Analisi e progetto per la conservazione dell'edificio moderno. In: CASCIATO, M; MORANTI, S; PORETTI, S. (Org.) ARCHITETTURA MODERNA IN ITALIA. DOCUMENTAZIONE E CONSERVAZIONE, 1999, Roma. Anais... Roma: EDILTAMPA, 1999. p.393-399.

BARDELLI, Pier. Conoscenze strategiche per il restauro dell'architettura moderna. Il caso dell'Unité d'habitation di Marsiglia. In: GIMMA, Maria Giuseppina (org). Il restauro dell'architettura moderna. Viterbo: Editora BetaGamma, 1993. p.125-134.

BELLINI, Amedeo. Antico-nuovo: uno sguardo al futuro. In: FERLENGA, A; VASSALLO, E; SCHELLINO, F. Antico e Nuovo: Architetture e architettura. Venezia, Il Poligrafo, 2004. P. 29-39.

BELLINI, Amedeo. Conservare il moderno: un tradimento? In: GUARISCO, G. (org). A-letheia - L'architettura moderna, conoscenza, tutela, conservazione. n.4. Florença: Alinea, 1994. p. 18-20.

BELLINI, Amedeo. Del restauro alla conservazione: dall'estetica all'etica. Ananke, Milão, n.19, p. 17-21, set. 1997.

BELLINI, Amedeo. Fotografia e fac-simile. Ananke, Milão, n.53, p. 144-146, jan.2008.

BELFIORE, Pasquale. Due questione da ridefinire sul moderno. Confronti – il restauro del moderno. Nápoles, n.1, p.31-33, 2012. DOI: 10.4481/conf022

BIERRENBACH, Ana C. Debates recentes sobre o restauro da arquitetura moderna na Itália. In: Revis-



ta Thésis, n.3, abr./mai. 2017.

BORIANI, Maurizio. Obsoleto prima ancora che storico. Conservare il "moderno"? In: BORIANI, Maurizio. (org) La sfida del moderno. L'Architettura del XX secolo tra conservazione e innovazione. Milão: Editora Unicopli, 2003. p.7-17.

BORIANI, Maurizio. Un paradosso per il restauro: gli edifici del Movimento Moderno. In: GUARISCO, G. (org). A-letheia - L'architettura moderna, conoscenza, tutela, conservazione. n.4. Florença: Alinea, 1994. p. 90-92.

BORSI, Franco. Il restauro del moderno: problemi e interrogativi. In: GUARISCO, G. (org). A-letheia - L'architettura moderna, conoscenza, tutela, conservazione. n.4. Florença: Alinea, 1994. p. 6-11.

BRENDLE, B; BRENDLE, K. The restoration of Le Corbusier Doppelhaus in Weibenhofsiedlung, Stuttgart. In: III CIRMRE – CONGRESSO INTERNACIONAL NA RECUPERAÇÃO, MANUTENÇÃO E RESTAURAÇÃO DE EDIFÍCIOS, 2010, Rio de Janeiro. Anais ... Rio de Janeiro, 2010. s/p.

CANZIANI, Andrea. La ricostruzione del quartiere de Kiefhoel de J.j.oud a Rotterdam. La copia, la materia e l'immagine. In: BORIANI, Maurizio. La sfida del moderno. L'Architettura del XX secolo tra conservazione e innovazione. Milão: Editora Unicopli, 2003. p.101-114.

CAPOMOLLA, Rinaldo. Il palazzo delle Poste di Adalberto Libera a Roma. Questioni generali e aspetti operativi nel restauro del moderno. In: BORIANI, Maurizio. La sfida del moderno. L'Architettura del XX secolo tra conservazione e innovazione. Milão: Editora Unicopli, 2003. p.179-190.

CARBONARA, Giovanni. Avvicinamento al restauro. Nápoles: Liguori, 1997.

CARBONARA, Giovanni. L'immagine oltre la fotografia. Ananke, Milão, n.53, p. 146-148, jan.2008.

CARBONARA, Giovanni. Il restauro del moderno come problema di metodo. In: Parametro, n.266, ano XXXVI, out./nov. 2006. p.21-25.

CARBONARA, Giovanni. Alcuni temi di restauro per il nuovo secolo. In: CARBONARA, G. (org.) Trattato di restauro architettonico. Turim: UTET, 2007-2008. p.1-47.

CARRERA, Marianna. Una nota sull'influenza della fotografia nel restauro dell'architettura moderna. Ananke, Milão, n.53, p. 134-140, jan.2008.

CARUGHI, Ugo. Entrevista concedida a Ana Carolina Bierrenbach. Nápoles, 24 jan. 2017.

CARUGHI, Ugo. Il contemporaneo nell'idea di tutela. In: CARUGHI, Ugo (org). La tutela dell'architettura contemporanea. Turim: Umberto Allemandi, 2012.

CARUGHI, Ugo. Tutela del contemporaneo in Italia. Confronti – il restauro del moderno. Nápoles, n.1, p. 43-51. DOI: 10.4481/conf024

CASCIATO, M. Modern Architecture is durable: using change to preserve. In: van den Heuvel, et all. (org). THE CHALLENGE OF CHANGE. DEALING WITH THE LEGACY OF THE MODERN MOVEMENT, 10, Delft. Anais..., Delft, IOS Press, 2008, p. xiii-xiv.

CASCIATO, Maristella. Cambiare per conservare. In: PALAZZOTTO, Emanuele (org). CONVEGNO INTERNAZIONALE: IL RESTAURO DEL MODERNO IN ITALIA E IN EUROPA, 11-12, 2007, Palermo. Anais... Palermo, FRANCOANGELI, 2007. p.39-42.

CASCIATO, Maristella. I confini del moderno, un confronto aperto fra limiti e limite. In: CASCIATO, M; MORANTI, S; PORETTI, S. (Org.) ARCHITETTURA MODERNA IN ITALIA. DOCUMENTAZIONE E CONSERVAZIONE, 1999, Roma. Anais... Roma: EDILTAMPA, 1999. p.27-36.

CASIELLO, Stella; Pane, Andrea; Russo, Valentina. Modernist boroughs: conservation of historical values and urban desing. In: CRISAN, Radica et all. (org). WORKSHOP CONSERVATION/REGENERATION – THE MODERNIST NEIGHBOURHOOD, 2011, Bucarest. Anais... Bucarest, 2011. p.231-249.

CASSIANI, Alberto. Moderno, troppo Moderno. Restauro o conservazione di un passato (troppo) prossimo. In: BORIANI, Maurizio. (org) La sfida del moderno. L'Architettura del XX secolo tra conservazione e innovazione. Milão: Editora Unicopli, 2003. p.19-32.

CIUCCI, Giorgio. Il restauro del Moderno. Confronti – il restauro del moderno. Nápoles, n.1, p.10-21, 2012. Entrevista concedida a Stefano Gizzi.

CORNOLDI, Adriano. Restauri non conservativi. La ricerca delle regole. In: FERLENGA, A; VASSALLO, E; SCHELLINO, F. Antico e Nuovo: Architetture e architettura. Venezia, Il Poligrafo, 2004. p. 261-284.

CRIPPA, Maria Antonietta. Restauro del moderno: fortuna critica, incertezze attuative. In: Territorio, n.62, 2012, p.68-75.

DE JONGE, Wessel. Docomomo strategie varie per la Conservazione dell'Architettura del Movimento Moderno in Europa". In: GIMMA, Maria Giuseppina (org). Il restauro dell'architettura moderna. Viterbo: Editora BetaGamma, 1993. p.153-162.

DE JONGE, Wessel. Gli obiettivi di Docomomo In-

ternational. In: CASCIATO, M; MORANTI, S; PORETTI, S. (Org.) ARCHITETTURA MODERNA IN ITALIA. DOCUMENTAZIONE E CONSERVAZIONE, 1999, Roma. Anais do Primo Convegno Nazionale Docomomo-Italia. Roma: EdilStampa, 1999. p.15-17.

DELL'ERBA, Cristiana. La posizione e il ruolo di DOCOMOMO. In: Parametro, n.266, ano XXXVI, out./nov. 2006. p.32-35.

DELL'ERBA, Cristiana. Monumento vivo e testimonianza storica: due culture a confronto con le sorti del moderno. In: CASCIATO, M; MORANTI, S; PORETTI, S. (Org.) ARCHITETTURA MODERNA IN ITALIA. DOCUMENTAZIONE E CONSERVAZIONE, 1999, Roma. Anais do Primo Convegno Nazionale Docomomo-Italia. Roma: EdilStampa, 1999. p.401-407.

DENTI, Giovanni. Machine: um tema nella ricerca del moderno. In: GUARISCO, G. (org). A-letheia - L'architettura moderna, conoscenza, tutela, conservazione. n.4. Florença: Alinea, 1994. p. 23-24.

DEZZI BARDESCHI, Marco. Il Restauro del Weissenhof di Stoccarda, opera del Movimento Moderno. In: GIMMA, Maria Giuseppina (org). Il restauro dell'architettura moderna. Viterbo: Editora BetaGamma, 1993. p.135-144.

DEZZI BARDESCHI, Marco. L'insostenibile leggerezza dell'istantanea ed il corpo vivo della fabbrica. Ananke, Milão, n.55, p. 149-151, jan.2008.

DEZZI BARDESCHI, Marco. Per il futuro del moderno: battaglie, sconfitte, proposte. Confronti – il restauro del moderno. Nápoles, n.1, p.92-96, 2012. DOI: 10.4481/conf030

DEZZI BARDESCHI, Marco. Stratificazione, fabbrica, ragione: l'(eterna) avventura del progetto. Ananke, Milão, n.76, p. 114-117, set.2015.

DI CRISTINA, Benedetto. Two or three things I know about conservation of modern architecture. In: RISO, Vincenzo (org). SEMINÁRIO INTERNACIONAL: MODERN BUILDING REUSE: DOCUMENTATION, MAINTENANCE, RECOVERY AND RENEWAL. Guimarães. Anais... Guimarães, mai. 2014. p.13-28.

GIMMA, Maria Giuseppina (org). Il restauro dell'architettura moderna. Viterbo: Editora BetaGamma, 1993.

GIOENI, Laura. Marco Dezzi Bardeschi. Restauro: due punti e da capo. Milão: Franco Angeli, 2004.

GRAVAGNUOLO, Benedetto. Restauro del moderno. Aporie culturali e questioni di metodo. In: Confronti – il restauro del moderno. Nápoles, n.1, p.102-105, 2012. P.25-28. DOI: 10.4481/conf021

LA REGINA, Francesco. L'Architettura nell'epoca della sua riproducibilità. Appunti sul "restauro del moderno". In: PALAZZOTTO, Emanuele (org). CONVEGNO INTERNAZIONALE: IL RESTAURO DEL MODERNO IN ITALIA E IN EUROPA, 11-12, 2007, Palermo. Anais... Palermo, FRANCOANGELI, 2007, p.67-76.

LOCATELLI, Vittorio (org). Marco Dezzi Bardeschi. Restauro: punto e da capo. Frammenti per uma (impossibili) teoria. Milão: Franco Angeli, 2009. Primeira Edição 1991.

MANGONI, Fabio. Emblemi del Movimento moderno e immagine fotografica: il restauro "alla Dorian Gray". Confronti – il restauro del moderno. Nápoles, n.1, p.102-105, 2012. DOI: 10.4481/conf031

MARCONI, Paolo. Disegno, no fotografia. Ananke, Milão, n.53, p. 151-153, jan.2008.

MARCONI, Paolo. Materia e significato. La questione del restauro architettonico. Bari/Roma: Editori Laterza, 1999.

MARINO, Bianca. Il restauro dopo e durante i "Moderni": um "autentico" valore di novità. Confronti – il restauro del moderno. Nápoles, n.1, p.110-118, 2012. DOI: 10.4481/conf033

MARINO, Bianca. La caverna delle idee. Notazione sull'autentico tra antico e nuovo nel restauro del Novecento. In: FERLENGA, A; VASSALLO, E; SCHELLINO, F. Antico e Nuovo: Architetture e architettura. Venezia, Il Poligrafo, 2004. p. 443-458.

MARKHAL, James. In Stuttgart, renovation of a 1927 Bauhaus Project. New York Times, 17/05/1984. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1984/05/17/garden/in-stuttgart-renovation-of-a-1927-bauhaus-project.html>> . Acesso em jun. 2017.

MORABITO, Giovanni. Specificità del restauro del moderno: strumenti e metodi di intervento. In: GIMMA, Maria Giuseppina (org). Il restauro dell'architettura moderna. Viterbo: Editora BetaGamma, 1993. p.145-153.

PICONE, Renata. Il Moderno ala "prova del tempo". Restauro e deperibilità delle architetture italiana del XX secolo. Confronti – il restauro del moderno. Nápoles, n.1, p.52-60, 2012. DOI: 10.4481/conf025

PORETTI, Sergio. Il modo di costruire: un filo di continuità nell'architettura italiana del Novecento. In: CASCIATO, M; MORANTI, S; PORETTI, S. (Org.) ARCHITETTURA MODERNA IN ITALIA. DOCUMENTAZIONE E CONSERVAZIONE, 1999, Roma. Anais... Roma: EDILSTAMPA, 1999, p.121-128.

PORETTI, Sergio. Premessa. In: CASCIATO, M; MORANTI, S; PORETTI, S. (Org.) ARCHITETTURA MODERNA IN ITALIA. DOCUMENTAZIONE E CONSERVAZIONE, 1999, Roma. Anais do Primo Convegno Nazionale Docomomo-Italia. Roma: EdilStampa, 1999. p.11-12.

PORETTI, Sergio. Specificità del restauro del moderno. In: Territorio, n.62, 2012; p; 88-94. DOI: 10.3280/TR2012-062017

PORZIO, Pier Luigi. Note sull'azione di salvaguardia e restauro del Moderno a Roma. In: GIMMA, Maria Giuseppina (org). Il restauro dell'architettura moderna. Viterbo: Editora BetaGamma, 1993. p.57-60.

SALVO, Simona. Il restauro dell'architettura contemporanea come tema emergente. In: CARBONARA, G. (org). Trattato di restauro architettonico. Turim: UTET, 2007-2008. p.265-316.

SALVO, Simona. Nuovo, vecchio o antico? Applicabilità della teoria del restauro alle opere d'architettura contemporanea. In: CASCIATO, M; MORANTI, S; PORETTI, S. (Org.) ARCHITETTURA MODERNA IN ITALIA. DOCUMENTAZIONE E CONSERVAZIONE, 1999, Roma. Anais do Primo Convegno Nazionale Docomomo-Italia. Roma: EDILSTAMPA, 1999, p.441-446.

SALVO, Simona. Restaurare il Novecento. Storia, Esperienze e prospettive in architettura. Macerata: Editora Quodlibet, 2016.

SALVO, Simona. Restauro e "restauri" delle architettura del Novecento: interventi sui grattacieli a confronto. In: FERLENGA, A; VASSALLO, E; SCHELLINO, F. Antico e Nuovo: Architetture e architettura. Venezia, Il Poligrafo, 2004. p. 459-471.

SCARROCCHIA, Sandro. Il moderno culto dei monumenti. In: GUARISCO, G. (org). A-letheia - L'architettura moderna, conoscenza, tutela, conservazione. n.4. Florença: Alinea, 1994. p. 25-27.

SCIASCIA, Andrea. Restauro do moderno. Restauro do metodo. In: PALAZZOTTO, Emanuele (org). IL PROGETTO NEL RESTAURO DEL MODERNO, Palermo, Napoli e Régio Calabria. Anais... Palermo, Napoli, Reggio Calabria, 2007, p.53-64.

TORSELLO, Paolo (org). Cos'è il restauro? Nove studiosi a confronto. Venezia: Marsilio, 2005.

TORSELLO, Paolo. Figure di pietra. L'architettura e il restauro. Venezia: Marsilio, 2006.

TORSELLO, Paolo. L'abitare, non l'immagine. Ananke, Milão, n.53, p. 153-155, jan.2008.

TORSELLO, Paolo. La dialettica restauro/progetto. Ananke, Milão, n.19, p. 29-33, set. 1997.

VITTORINI, Rosalia. Note sulla tutela e la conservazione dell'architettura italiana del XX secolo. PICO-NE, Renata. Il Moderno ala "prova del tempo". Restauro e deperibilità della architettura del XX secolo. Confronti – il restauro del moderno. Nápoles, n.1, p.62-70, 2012. DOI: 10.4481/conf026

VITTORINI, Rosalia. Conversazione con Rosalia Vittorini, presidente di DOCOMOMO Italia Onlus. Entrevista concedida a Francesca Rosa. Hevelius'webzine, ago. 2013. Disponível em: < <http://www.hevelius.it/webzine/leggi.php?codice=427>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

LA REGINA, Francesco. L'Architettura nell'epoca della sua riproducibilità. Appunti sul "restauro del moderno". In: PALAZZOTTO, Emanuele (org). CONVEGNO INTERNAZIONALE: IL RESTAURO DEL MODERNO IN ITALIA E IN EUROPA, 11-12, 2007, Palermo. Anais... Palermo, FRANCOANGELI, 2007, p.67-76.